

JORNAL DOS DEBATES

52. Q. 475
POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por Semana ás Quintas feiras. Subscreve-se n'esta Typographia a 1.500 por Trimestre, pagos adianta

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE L. A. BURGAIN — RUA D'ALFANDEGA N. 131.

INTERIOR.

POLITICA.

A sociedade dos homens, assim como o mundo phisico, tem tambem suas leis regulares e permanentes, suas vivas harmonias e contrastes, e sua esphera determinada de accão: se os nossos destinos, se os destinos das sociedades estivessem sujeitos á roda do acaso, a vida social não seria mais que uma sanguinolenta ironia, uma amarga irrisão, e um enigma obscuro; então de nada serviríamos no mundo, nem uma idéa, nem uma missão representariamos; sociedades, governos e povos não passariam de desprezíveis instrumentos de um acaso sujeito a tão variadas e caprichosas circunstancias; e de que proveito nos seria o dar tanta importancia a misérias que se revolvem ao acaso no tempo e no espaço?

Mas, felizmente para a especie humana, somos dotados todos de uma força creadora e nobre, que nos eleva a causas maiores; não assistimos a um jogo, onde os caprichos da fortuna fazem rir ou chorar; as sociedades tem uma marcha, um desenvolvimento sujeito a leis determinadas, ora magnificas, ora espantosas, ora brilhantes, ora terríveis: a politica, para não ser empyrica, aventureira, incomprehensivel, e de paliativos, deve tomar, por base de seus calculos, essas leis, esses princípios.

Esboçamos a crise do Brasil no nosso primeiro numero d'este anno, quando tomámos conta da redacção do *Jornal dos Debates*, com aquellas cores, e com aquella physionomia, com que elle se mostrava a todos os homens de boa fé, a todas as pessoas livres. Nós dissemos então, que a crise que ora dilacerava as entranhas de nosso paiz, era a mais aterradora que havíamos sofrido; e avançamos mais, que o unico meio de remover do Brasil essa crise, era a applicação immediata de fortes remedios, e de uma politica firme; aconselhando ao mesmo tempo ao actual gabinete, que se deixasse de paliativos, e que tratasse seriamente em regenerar o paiz, em re-

habilitar os costumes, a religião, a politica e a industria. Não pensavamos então, que depararíamos com uma forte oposição ás nossas idéas; não pensavamos então, que homens houvessem, que negassem uma verdade tão palpável, como a que havíamos avançado.

O *Correio Official*, e o *Chronista*, reflectiram, por acaso, bem no que disseram? Nós julgamos que não; por que o parallello que elles apresentaram, do Brasil com a França, os Estados Unidos e a Inglaterra, prova evidentemente a sua ignorancia de todos os principios, e curtas vistas historicas.

Entre a severidade encommodada da verdade e as brilhantes ficções da lisonja, nós escolhemos a primeira, por que somos Brasileiros, por que amamos o paiz, onde nascemos, e por que somos livres; e este sentimento dos nossos deveres nos levou a falar a verdade, embora desgradassemos aos partidos, embora chamassemos contra nós a colera de todos os homens, que, como disse um nosso correspondente, depois de contar o dinheiro, — exclamam — *Estamos no melhor dos mundos possíveis*.

Nós somos Brasileiros, amamos o Brasil, somos livres, e por isso não sabemos lisongear, nem mesmo o paiz em que tivemos a fortuna de ver pela primeira vez a luz do dia, mormente com sacrificio da verdade, que a ninguém é dado aumentar, diminuir ou modificar, segundo as circunstancias.

A tactica até aqui seguida por todos os redactores officiaes, é novamente reproduzida pelo nosso collega, actual redactor do jornal do governo: os precedentes de seus antecessores serviriam-lhe de guia na discussão, que devia encetar. Para tais redactores não ha crise no Brasil tudo no presente lhes sorri com o prazer nos labios, e a alegria no coração; o passado sim, o passado somente foi horrivel e tenebroso: mas ja cessou a tempestade, e a mais serena bonança sucedeua a tão luctuosas épocas; o futuro se lhes apresenta também brilhante, e doirado, como o presente.

Mas, infelizmente para elles, os seus calculos baldam-se com o andar dos annos; evaevam-se as suas promessas, e

as profecias dos seus adversarios se realizam; o paiz caminha cada vez mais apreçadamente para o precipicio. Nos julgámos pessima essa tactica, de pintar um lindo painel do presente, no meio das dores de um povo inteiro, no meio dos gemidos de um sem numero de familias emigradas das duas províncias das extremidades do Imperio, e de uma do centro; por que, se acaso os governos esses mesmos governos, que os convidam a desfeder sens actos, tem a fortuna e arte de salvar o paiz do meio das ruínas de regenera-lo, em fim, pouca gloria, poucos agradecimentos do paiz merecem, por isso que *tudo vogava em um mar de rosas*, e por isso facilima era a salvação do paiz, quando elle não estava em perigo.

Nós havíamos dito, que a sociedade brasileira não se baseava sobre as quatro unicas bases solidas, que sustentam um edifício social moral, religião, politica e industria que a perda das crenças e dos costumes era a causa principal das épocas críticas; e que, portanto, nós estávamos em uma d'essas épocas críticas, por isso que os nossos hábitos e costumes se achavam na mais completa depravação; que a actual quadra era a mais critica, por isso que, depois que começou o elemento revolucionario a grasar no Brasil, hoje mais que nunca devorava a imoralidade o coração dos nossos patrícios, vazio de todos os sentimentos nobres. Eis o que avançámos, e o que o redactor do *Correio Official* nega.

O nosso correspondente X X avançou mais, que a quadra actual era a continuação da revolução do Brasil, que começa com a nossa independencia, ou mesmo começa em 1796, com as desordens da Bahia, e as de Minas Geraes, e cujo fim talvez nos não seja permitido o presenciar: provou com a historia de todas as ações, que as revoluções não duram um dia, mas sim se estendem ao longe por largos annos, com mais ou menos força, com maior ou menor impeto.

E o que faz o *Correio Official*, á vista de tantos documentos? Toma a causa por sua, julga-se insultado na sua honra e na sua probidade, e em duas grandes



columnas do seu *jornal* descobre ao público a maneira por que se encarregou da redacção do *jornal do governo*, ignorando até a quantia que se lhe devia dar por recompensa, levado sómente por um fim patriótico. Quanto ao mais, diz sómente, que crises houveram já no Brasil maiores do que a actual; a da *Independencia*, e a de *Sete de Abril*.

Apesar de que já fosse esta questão bem debatida pelo nosso correspondente X. X., contudo expendemos sempre algumas idéas nossas.

Quando, cançados de sofrer um jugo tão pesado, como o que nos impunha a nossa metrópole, soltamos o grito da *Independencia*, todo o Brasil se reuniu, formou uma só pessoa, luctámos contra um povo estrangeiro, defendímos nossos direitos de homens, e de nação, e todas essas circunstâncias provam que não era tão critica a época, como nos quer fazer crer o honrado redactor. Além disto, outras coisas militavam a nosso favor; nossos costumes não estavam pervertidos, nossa moral se não revestia ainda da força do *ouro*, eramos religiosos e tinhamos uma idéa fixa de progresso e de união, um fim a que nos propunhamos.

Em *Sete de Abril* já mais critica era a época: a imoralidade tinha já desci do Corte para o povo; interesses pessoas e vistos de egoísmo já se apresentavam em campo; a religião tinha perdido um tanto de sua força, as instituições, não tendo sido respeitadas pelas autoridades, tornavam-se nullas para o povo; porém ainda, como na *Independencia*, se uniram todas as províncias, e adoptaram a revolução.

E hoje, o que vemos em torno de nós? A imoralidade cresceu ainda mais, os costumes completamente se depravaram; a religião de nada serve; é um fantasma sem graça e sem espirito; tres províncias se acham na mais completa anarchia; o fogo revolucionario, aticando pelas ambicões, lavra mais fortemente, de tal maneira, que novas desordens, novos movimentos se esperam em algumas mais províncias.

Remedios promptos, e não *Paliativos*, gritámos nós; e esse nosso grito é considerado pelo R. do *Correio Official*, como dado sem fundamento. A nossa sociedade não pode subsistir sem uma regeneração; a historia das nações estrangeiras o mostra, a nossa propria experiência o affirma, e por ventura deixaremos ir os negocios á revelia? Não; ousaremos continuar a defender os interesses do paiz, preferindo-os aos interesses particulares; ousaremos sustentar as nossas opiniões, e emitiremos como *franquesa* e *liberdade* os nossos sentimentos.

Como ja nos estendemos bastante, e ainda entretanto devemos desenvolver algumas idéas, que nos restam, sobre o

parallello que imaginou o *Chronista*, do Brasil com a França, a Inglaterra, e os Estados Unidos, voltaremos ao mesmo assunto no proximo numero.

VARIEDADES.

UM ULTIMO ADEOS.

Oh! ainda me persegue a lembrança dessas horas felizes, que a seu lado passeava!... Eu já me embriagava com seu sopro divino, sorvia o perfume, as delícias que ella respirava, em quanto a natureza inteira reposava envolta nas azas de um sonmo tranquillo, e não me lembrava que um porvir de dôres substituiria tão risonhos instantes, não pensava que o destino me preparava tão aziagos dias!

Estas lamentações escapavam dos labios de um jovem que, banhado em lagrimas, estava sentado ao lado de um velho sacerdote, que em vão esforçava-se em consolá-lo.— Meu filho, só Deus é grande! —

— Não sei ainda como possa contar os sofrimentos e os penas, porque hei passado!... Vós, que passastes toda a vossa existencia, desde o berço até a velhice, a lembrar as contas desse rosario, e a repetir vossas orações, não podeis ter idéa das angustias e inevitáveis efeitos de uma paixão amorosa! —

— Talvez! — repetio em baixo tom o velho. O quarto, em que ambos se achavam, era pequeno, e tinha duas pequenas janelas, que davam para a praia de N. S. da Glória, d'onde se gosava da deliciosa vista do mar, das fortalezas, ilhas, navios, e montanhas, que embellesam a vasta bahia da cidade do Rio de Janeiro. Nove horas da noite tocaram os sinos de S. Francisco de Paula, e foram imediatamente repetidos esses sons em Santa Thérèsa. Nem uma luz escalaria o quarto, se exceptuamos a da lua, que ensinava seus brilhantes raios por uma janelinha, que estava aberia. O ronco e menino murmurio das vagas, que se despedavam sobre as lages, o triste canto dos pretos que passavam, e o rumor de algumas carruagens, interrompiam de quando em quando a conversação dos dous individuos.

— Ela era um anjo de candura; em seus olhos reflectia toda a pureza e innocencia de sua alma, e eu a perdi, perdi-a para sempre! —

E n'este momento um soluço embargou-lhe a voz, e algumas lagrimas se desprendiam de seus olhos. Elle e o seu companheiro se levantaram, aproximaram-se da janelha, elancaram os olhos para a rúa. Passava n'esse instante uma riquissima carruagem pertencente a uma grande personagem, puxada por quatro lindissimos cavalos: d'entre ia uma familia, que se dirigia a um magnifico baile. O sacerdote pareceu dizer. — Eis o contraste! eis o mundo!... Uns passegam sobre os tumulos de outros, estes zombam e divertem-se quando aquelles choram!

A claridade da lua descobriu os dous semblantes: um já idoso, e atravessado de rugos, que o intercavam em diversos sentidos; o outro, ainda que pálido e melancolico, não denotava ter de idade mais de 23 annos.

— Oh! quantas vezes, continuou o mancebo, quantas vezes, com a alegria da alma

e o sorriso nos labios, eu a vi brilhar no meio de uma esplendida sociedade!... Todos os olhos sobre ella se fixavam, e todos os expectadores pareciam entre si dizer: — Feliz de quem for por ella amado! — Eu me echia de orgulho e de vaidade, porque estava certo do seu amor, e porque também a amava!...

— Paciencia, filho, paciencia cuidas, que também não soffri na minha vida?

— Vós!... Desde a infancia destinado ao celibato!... E impossivel! No vosso estado não há amor!

— Infeliz! murmurou o velho. — Morte, barbara morte! Porque a não deixaste viver mais dous dias, que ella seria ainda minha!... Oh para que, quando me roubaste sua preciosa vida, me não levaste em sua companhia? Porque não abriste um tumulo para ambos?

Então, pela primeira vez vi-se calhar uma lagrima dos olhos já cançados do bom sacerdote; elle prestes a exxugon, e apertando a mão do mancebo nas suas, o reconduziu para o mesmo lugar, onde o principio eslavam, sentaram-se de novo, e assim lhe fallou.

— Viste, filho, à minha casa, ao pobre alvergue de um velho sacerdote, confiar-lhe tuas penas, contar-lhe tuas dores; agora é do meu dever o consolar-te, e o unico remedio que me ocorre, é tambem narrar-te um facto da minha mocidade, que decidio da minha vida inteira. Partilhemos mutuamente nossas tristesas: a partilha diminue as magoas.

Lançou mão o sacerdote de um crucifixo de prata, que estava dependurado, e depois de lhe imprimir um religioso osculo, rogo a Deus de lhe desculpar o que elle ia fazer.

— Vou reabrir una ferida que bastantes dôres me causou, e que perante os altares jurei esquecer: escuta-me com attenção.

Houve um momento de silêncio, durante o qual mutuamente se interrogaram os dous misteriosos amigos; findo elle, o sacerdote continuou da maneira seguinte.

— Tu perdeste, dias antes de teu matrimônio, aquella que devia ser tua esposa e companheira; foi uma morte natural, e isso deves agradecer ao céo; porém eu... eu vi arrancar-me dos braços aquella a quem tinha dado meu amor, minha vida, minha alma, sem ter a força e a coragem de a disputar ao despotismo e orgulho paternal!

— Pois vós amastes, senhor! um sacerdote, um religioso!

— Antes de o ser, era homem, e ainda, perdão, oh meu Deus, não me tinha dedicado a este sancto ministerio!

— Não — soffrestes, oh meu pai, mais do que eu, ora soffro!...

— Minha memoria, replicou o velho, não é mais que o tumulo de uma felicidade perdida; e a unica esperança, que me alenta, está collocada no Senhor, para que, em sua bondade me faça breve baixar ao seculo.... Eu chamo-me Henrique, o sou natural d'esta cidade: na minha infancia me destinava á profissão de advogado: um pensamento nobre me fazia escolher esta honrada profissão, e na verdade, o que ha ali de mais bello, de mais sublime, do que a missão do advogado?... A humanidade é seu alvo, a justiça o meio de que se serve; elle disputa ao cadasfalo a vida de um homem inocente ás vezes!... Mas, infelizmente, meu

destino devia ser outro. Perto de minha casa morava uma lindíssima donzella, por nome Eugenia; eu não pude ver seus encantos, não pude ouvir sua harmoniosa voz, sem me deixar prender por essas caderas, que no mundo se chama *amor*. *Amor*, então dizia eu commigo, *Amor* é um fogo celeste e imortal, que Deos nos outorgou para por elle subirmos ao céo, deixando todas as nossas illusões mundanas!... E' um sentimento espiritual, que destroe os pensamentos terrestres e grosseiros; é uma aureola brilhante, que ilumina a alma!..

Aqui o semblante do homem velho pareceu recuperar todo o esmalte e rubor da mocidade; seus olhos scintillaram, e seu peito com força batia..... O mancebo olhava para elle, estupefacto, e ouvindo suas desventuras, já se ia capacitando, que elas não eram inferiores ás dôres que então o assaltavam.

— Eu a amei, e amei-a com todo o ardor da mocidade e do clima; na idade de 24 annos e Brasileiro, como querias que esta paixão me não enloquecesse? Oh! meu Deos, se me tivesses então dito, que aquella belesa não era mais que terra dotada de um sopro de vida, eu te diria. — Não! Quem conheceu Eugenia, quem viu seus grandes e negros olhos brilharem em uma sala, quem ouvio deslizar de seu peito sons mais doces, mas meladíosos do que essas decontadas actrices europeas, com que esses jovens, vindos da França e Italia nos atroam os ouvidos, essas Malibrans, Pastas, Grisis, Catalanis; quem ouvio a harmonia que parecia nascer sob seus delicados dedos, quando ella se approximava do piano, harmonia celeste, superior aos sonhos dos mesmos musicos; quem a ouvio echoar Freischutz, do divino Weber; Dom João, do sublime Mozart; Fidelio, do melancólico Beethoven, não pôde crer que as mulheres não sejam mais que um vil pô, ludibrijo material dos caprichos do homem.

Mas ella era filha de um rico negociante da praça do Rio de Janeiro, e meu pai era um pobre lavrador!

E um melancólico silencio houve entre os deus: o velho enxugou uma lagrima, que lhe ia regando as faces, e aproximou-se da janella, como para gosar da branda viracão, que entrava pela casa dentro. O moço, ainda que não se movia, o acompanhou curiosamente com os olhos. Dez horas soaram, e as carragens dos hílarios ainda passavam. Depois de um momento de repouso, durante o qual o sacerdote tomou uma pitada de rapé, para aliviar a imaginação, chamou o mancebo para a janella, e observando a lua, que esplendidamente brilhava no firmamento, lhe disse:

— Repara como a natureza se esforçou em fazer d'esta terra o paraíso do mundo!... Que ha no globo mais soberbo do que a entrada d'esta capital?... Estas montanhas tão verdes dão um ar de magestado e de grandesa á minha patria; incute o respeito no animo dos estrangeiros que aqui chegam; e entretanto, se exceptuamos a magnificencia da natureza, que causa temos por nós feita, que dê idéa ao mundo civilizado de que nós existimos?... Tudo quanto é grande, bello e imortal, não tem entrada nos nossos lares; mesquinho espírito de revoluções e de anarchias é que nos domina. Não temos grandes monumentos, que demonstrem á posteridade nossa religião e nosso amor ao paiz; mas temos em compensação

excellentes e riquíssimas salas de baile; poucos sabios, d'estes sabios de nome popular, aparecem entre nós, entretanto contamos entre os nossos mancebos mil optimos dançarinos e modistas!

— E' verdade — murmurou o moço! — Em uma tão bella noite, como esta, o celeste alcaçar estava coroado de mil estrelas, e os campos do Rio Comprido ofereciam um excellento repouso ás pessoas cansadas dos trabalhos diurnos. Eu estava sentado com Eugenia, recostados a uma arvore ás margens de um pequeno regato; eu lhe dizia mil d'essas doces palavras, com que os namorados asfissam suas phrases, e ella suspirava. — Henrique, me disse ella por fim, é mister que nos separemos, e para sempre: este é nosso ultimo adeos! — Como! não é possivel, repliquei-lhe eu: — Nossa vida, continuou ella, é semelhante ás aguas d'este regato; murmurando elles deslizam, e quando encontram qualquer pequena pedrinha, recuam e procuram outro caminho. Eu te amei e te amo, apesar das prohibições de meu pai. Elle me quiz forçar a casar-me com um seu caixeiros; e como eu, com coragem e firmesa da alma, não aceitei o partido que elle me propunha, hoje me afirmou e até jurou, que eu entraria em menos de oito dias para o convento d'Ajuda!

— Eu nada disse, abri sómente grandes olhos, e quasi que perdi os sentidos; ella continuou: — Coragem, Henrique, coragem e resignação necessitamos. — Coragem como é possível tão facilmente tranquilizar-me? Na noite do tumulto tudo está tranquillo, eu para elle me preparam. — Oh meu Deos, meu Deos!... Como te preparam á morte, quando nunca teu olhar foi tão suave e brando, nunca alegria celeste reverberou como agora no teu semblante? — E' o começo dos sofrimentos; mas socoga, eu me lembrei sempre de ti no convento; no meio das minhas orações tua imagem me sustentará; e quando nas horas do repouso me achar na minha cella, meu pensamento te irá arrancar do seio dos penares, e te dará a paz que procuravas. — Oh piedade!... — Uma só cousa peço, porque conheço o grande amor que me tens: é de te não deixares abater por tão dura sorte; não procurem um refugio na morte voluntaria, conserva teus sentimentos religiosos, e não queiras loucamente imitar esses pretendidos sabios dos tempos antigos, que, por fraquesa ou loucura, se suicidavam. Juras-me? E' meu derradeiro rego no meu ultimo adeos! — Juro-te. — E uma alegria pura e sublime brilhou em seu semblante. Nesse momento solenne se assemelhava elle a um anjo baixando á terra... sua candura, sua tranquillidade são superiores a todas as descrições. Foi nosso ultimo adeos!

— Ella entrou oito dias depois para o convento d'Ajuda; um annuo depois eu a vi outra vez, mas não faltámos; era o dia de sua profissão; a igreja estava cheia de povo curioso de assistir ao enterro de uma infeliz vítima do orgulho paterno. Ella assistiu muito tranquillamente ao sermão, que pregou o insigne Fr. Sampaio, e ao sancto sacrificio da missa: os sinos dobraram o dobre da defuntas logo que finalisou este acto; e eu... eu tinha no entanto perdido os sentidos, e quando tornei a elles, eram nove horas da noite, e me achava em casa de um meu amigo, deitado em uma cama com um medico á cabeceira. Deixei, logo que me achai

completamente restabelecido, todas as minhas idéas mundanas, e tomei o habito de Santo Antonio; no convento passei toda a minha mocidade. Uma noite, ainda me lembra, estava o céo negro, e a chuva com força banhava a terra; os raios galopavam no firmamento e eu fui chamado para ir confessar uma infeliz, que estava nos paroxismos da morte. Dirigi-me ao convento de N. S. da Ajuda, e qual foi minha admiração, quando reconheci a minha Eugenia, na misérrima para quem de antemão se abria a sepultura!... Ella também me reconheceu, e agradeceu a Deos por esse favor. Ouvi a sua confissão com religiosa atenção, e ella a fez com toda a seneridade e candura: depois de cumprir com o dever que me impunha o meu cargo, de ajuda-la a bem morrer, pedi-lhe a mão para imprimi-lhe um ultimo beijo, e ella com tranquillidade m'a deu... Linda estava no seu dedo minino um anel de brilhantes, que lhe havia eu dado! Nessa mesma noite, morreu!

O mancebo olhou attentamente para o velho sacerdote, e lhe disse: — Eu imitaré vosso exemplo.

Esta história encontrei eu em um manuscrito pertencente a um frade de Santo Antonio, que já não existe! Os nomes são talvez um enigma, porém o facto me foi asseverado por verídico.

P. S.

CORREIO OFICIAL.

— Foi o Sr. Grandjean, architecuto, nomeado pelo Ex^o ministro interino do Imperio, para formar o plano, por que se deve construir o Colégio — Pedro Segundo — colocado no imperial seminário de S. Joaquim. Como conhecemos o talento do Sr. Grandjean, podemos afirmar que foi boa a escolha que d'ele fez o Sr. Vasconcelos.

— O Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva foi nomeado presidente da assembléa provincial de S. Paulo. Se no meio de tantos males, que ralam o nosso paiz, se no meio de tantas e tão terríveis desordens por que passámos, ha uma idéa consoladora, um nobre pensamento, uma esperança, eis-nos que, não como outras tantas, que havemos formado, deva realisar-se, é sem duvida a agradável noticia de que o Sr. Andrade, na assembléa provincial, apesar da sua avançada idade, mostra ainda aquele entusiasmo pelo bem do seu paiz, e aquella força de carácter e firmesa, que o caracterizavam. Arredado da scena política, ha já quatorze annos, e deputado hoje nomeado á assembléa geral legislativa pela sua província, o Sr. Antonio Carlos teve em si fixados os olhos de todo o Brasil. Os partidos o temem, e por isso o lisongeiam. O ministerio estremecê á idéa de que elle passe para o partido da oposição; e este, procurando desde já unir-se á elle, o proclama como o unico homem capaz de salvar o paiz. A sua posição na camara é lisongeira e brillante, e por esta mesma razão muito delicada e espinhosa. Esperámos, contudo, que este bravo athleta da liberdade legal, o irmão do illustre autor da nossa política independencia, reconheça bem a situação do Brasil, e saiba servir os grandes interesses do paiz, sem prestar atenção aos interesses dos parti-

dos. A divisa da sua família foi sempre — *Honor probidade e puro patriotismo* — o Sr. Antonio Carlos não pode aceitar outras principios, não pode defender outra causa, que não seja aquella por que pugnaram sempre esses homens que, a despeito dos insultos dirigidos contra elles pelos diferentes partidos, tem sabido conservar uma grande popularidade e uma honradez a toda a prova, qualidade muito rara nos nossos tempos, e nos nossos homens de estado. Esta qualidade, distintivo da familia Andrade, e de alguns poucos privilegiados no Brasil, é uma forte muralha contra os ataques dos inimigos do Sr. A. Carlos; e só ella basta para arredar d'ele os insultos, insidias, que lhe elle armarem os partidos.

Partiu na terça feira o Exm. marechal de Barbacena para a província de Minas Geraes.

O redactor do *Correio oficial* diz no seu N. 23 que — nem um navio tem entrado da Bahia que elle não tenha dado *immediatamente* conta do estado da província; e que *não poucas vezes* tem andado adiante dos mais periodicos d'esta cidade. — Dêmo-nos ao fastidiosissimo trabalho de revolver a colleção d'este mez, e uma só vez achámos que o *Correio* muito resumidamente publicou notícias da Bahia *no mesmo dia* que as outras jornaes; em *todas* as outras ocasiões sempre as publicou *dias a dias* depois dos outros. Alii vao factos:

Em 31 de dezembro, entrou o paquete *Lyra*; só no dia 4 de janeiro é que o *Correio* se dignou dar-nos as notícias por esse navio trazidas.

Em 7 de janeiro, Pol. *Thereza*. No dia 11 transcreveu o *Correio* as notícias do *Diário* do dia 8.

Em 11 de janeiro, Brig. *Lord Goderich*. No dia seg., por um esforço extraordinario,

deu o *Correio* algumas linhas, porém muito mais resumidas do que aquelle que, no mesmo dia, publicaram os outros jornaes.

Em 13 de Janeiro, Barca de vapor. O *Correio* publicou notícias em 23 e 25 depois das outros jornaes.

LANCETADAS.

Uma das mais celebres maximas de *Macchiavello* é admiravelmente desenvolvida e praticada pelo *Parlementar* — Calunnia, calunia. Quando ocarvão não queima, engecrece.

Parece que, segundo os autores de *Anatomia e Pathologia*, um governo não tem obrigação de notificar às potencias estrangeiras a existencia e rega dos bloqueios.

O *Chronista e o Parlementeur* tem um tão profundo respeito à verdade, que se conservam sempre em uma grande distância d'ella.

O *Chronista escarnece* do Sr. *Magalhães* por abaixar-se a ensinar. No pensamento d'este jornalista, a unica profissão alta e nobre é a de andar ao gânhô com o *cesto das costas*.

O *Chronista* declara ao respeitável publico d'esta capital, que elle não é ministerial, mas sim é somente governista. Risum teatans?

Item promete d'oravante falar sempre a verdade, e roga aos seus subscriptores, que se esqueçam do quants mentiras e falsidades levantou elle, logo que subio o actual ministerio, sobre tudo na parte das nomeações.

Item afirma mais, que não tem subscrições nem umas do ministerio, e por isso faz-lhe oposição pelos actos maus que elle pratica.

Item, para mostrar a sua modestia e decencia, promette não aceitar mais artigos de *beijinhos do paço*, e comunicados sobre o *Camarenguenga Sete de Abril*; nunca faltam promessas de um moço de tanto espirito, e que, apesar de ser criança, não faz criancadas.

Item elle tão bem conhece as idéas de *Saint-Simon*, que afirma que estão em harmonia com as do Christianismo, tal qual existe! — Grande couro é ser charlatão!

Questão importante. Ha no Brasil alguem mais imbecil do que o correspondente escholastico — A. P. P. — do *Diário de Rio*?

Recebendo neste momento um exemplar das *Posturas* da cámara municipal, de que se nos pede a publicação no nosso jornal, pela razão de que são ellas ignoradas, resultando disto graves danos ao publico. Como nos falté espaço neste numero, publicamos sómente o §. 7, que nos parece mais interessante, guardando para o proximo numero a sua inteira inserção.

7.º Logo que qualquer individuo se pretenda mudar de uma para outra casa, ou seja chefe de familia, ou agregado, não o poderá fazer sem que se apresente ao oficial de quartierão, que lhe dará uma guia, em que declare seu nome, numero da casa em que morava, e o d'ella para que vai residir; esta guia será apresentada pelo individuo ao juiz de paz que a rubricará, elle servirá de passaporte para ser admitido no lugar em que for morar. Quando o individuo se quizer retirar para fora do termo, ou província, apresentará a guia à autoridade encarregada de dar-lhe o seu passaporte, sem o que este será negado.

RELAÇÃO DOS TRABALHOS DO TRIBUNAL DO JURY NO RIO DE JANEIRO DURANTE DO MEZ DE JANEIRO.

SOB A PRESIDENCIA DO JUIZ DE DIREITO DA PRIMEIRA VARA DO CRIME, DR. José Ignacio Vaz Vieira,

PROMOTOR INTERINO O DR. Francisco José Ferreira Baptista.

FORAM JULGADOS EM SEGUNDO CONSELHO QUINZE PROCESSOS.

NOMES DOS REOS.

Francisco Antonio de Aguiar filho.
Pardo Manoel.
Bernardo Pinto.
João Marediano de Araujo.
João de Oliveira Maia.
Antonio dos Santos Correia.
José Francisco.
Elias Macabado Nunes.
Raimundo dos Santos Garcia.
Hermenegildo Antonio Gomes.
Antonio José da Silva.
Benio Pereira.
Joaquim Mius.
Crioulo Narciso.
Francisco José Caetano.

CRIMES.

Esfipro e filhicio.
Tentativa de assassinato.
Assassinato.
Item.
Item.
Bumbo.
Item.
Item.
Item.
Cumplicidade em fato de escravos.
Item.
Item.
Item.
Item.
Por deixar fugir presos, estando de guarda.

SENTENÇAS.

Condenado à morte.
Item.
Item.
Galés perpetuas.
Vinte annos de prisão com trabalho.
Oito annos de prisão com trabalho.
Quatro annos e 6 meses de prisão com trabalho.
Item.
Quatro annos.
Tres annos.
Dois annos 8 meses.
Dois annos 1 mez.
Quatrocentos açoites.
Cem açoites.
Um anno de prisão com trabalho.

NOMES DOS ADVOGADO.S

João Manoel Pereira da Silva.
Carlos Antonio Cordeiro.
João de Carvalho de Souza e Melo.
José Maria Frederico de Souza Pinto.
Francisco José Acababa Montezuma.
Justiniano José da Rocha.
Indefeso.
Josino do Nascimento Silva.
João Manoel Pereira da Silva.

NENHUM FOI ABSOLVIDO.